

CARAMBAIA

Elsa Morante

A ilha de Arturo
Memórias de um garoto

ilimitada

Tradução
ROBERTA BARNI

Posfácio
DAVI PESSOA

DEDICATÓRIA

Para Remo N.

Aquela que acreditavas ser um pequeno ponto da terra
foi tudo.
E nunca será roubado esse único tesouro
aos teus ciosos olhos dormentes.
O teu primeiro amor nunca será violado.

Virginal, encerrou-se na noite
como uma ciganinha em seu xale preto.
Estrela suspensa no céu boreal
eterna: nenhuma insídia a toca.

Jovens amigos, mais belos que Alexandre ou Euríalo,
para sempre belos, defendem o sono de meu garoto.
O pavoroso emblema nunca atravessará o limiar
daquela ilhota celeste.

E não conhecerás a lei
que eu, como tantos, aprendo,
– e me despedaçou o coração:

fora do limbo não há elísio.

ADVERTÊNCIA

Embora os lugares mencionados neste livro existam realmente nos mapas, adverte-se que nestas páginas não se pretendeu de maneira nenhuma apresentar uma descrição documental sobre eles; nelas, tudo – a começar pela geografia – segue o arbítrio da imaginação.

Toda a presente narrativa é absolutamente imaginária e não se refere nem a lugares, nem a fatos, nem a pessoas reais.

A ilha de Arturo Memórias de um garoto

Io, se in lui mi ricordo, ben mi pare...
Eu, se nele me ricordo, bem me parece...
(do *Cancioneiro* de Saba)

Primeiro capítulo Rei e estrela do céu

*... Il Paradiso
altissimo e confuso...¹
(das Poesias de Sandro Penna)*

REI E ESTRELA DO CÉU.

Um dos meus primeiros orgulhos foi meu nome. Logo aprendi (foi *ele*, parece-me, o primeiro a me informar disso) que Arturo é uma estrela: a luz mais veloz e fulgurante da figura de Boieiro, no céu boreal! E que, além disso, esse nome também foi de um rei da Antiguidade, comandante de um exército de fiéis: estes, todos heróis, como seu próprio rei, e por este tratados de igual para igual, como irmãos.

Infelizmente, fiquei sabendo depois que esse famoso Artur, rei da Bretanha, não era história verdadeira, apenas lenda; portanto, deixei-o de lado por outros reis mais históricos (na minha opinião, as lendas eram coisas pueris). Mas, para mim, outro motivo bastava igualmente para conferir valor heráldico ao nome Arturo: é que quem designou esse nome para mim (mesmo ignorando, acredito, os símbolos aristocráticos) havia sido, assim soube, minha mãe. Ela, em si, nada mais era que uma mulherzinha analfabeta; porém, para mim, ela era mais que uma soberana.

Dela, na realidade, eu sempre soube muito pouco, quase nada: ela morreu antes mesmo de completar 18 anos, no exato momento em que eu, seu primogênito, estava nascendo. E a única imagem dela que conheci foi um retrato num cartão. Figurinha desbotada, medíocre, quase larval; mas adoração fantástica de toda a minha meninice.

1 “...o Paraíso / altíssimo e confuso...” [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO]

O pobre fotógrafo ambulante a quem se deve essa única imagem dela retratou-a nos primeiros meses de gravidez. Seu corpo, mesmo entre as dobras da roupa larga, já dá a perceber que ela está grávida; tem as mãozinhas entrelaçadas à frente, como para se esconder, numa pose de timidez e pudor. Está muito séria, e em seus olhos negros não se lê apenas a submissão costumeira em quase todas as nossas moças e noivinhas de lugares como esse, mas uma interrogação pasmada e levemente assustada. Como se, entre as ilusões comuns da maternidade, ela já suspeitasse de seu destino de morte e de ignorância eterna.

A ILHA.

As ilhas de nosso arquipélago, ao longe, no mar napolitano, são todas bonitas.

Suas terras são em grande parte de origem vulcânica; e, especialmente na proximidade das antigas crateras, nascem milhares de flores espontâneas; nunca mais vi iguais no continente. Na primavera, as colinas se cobrem de giestas: você reconhece seu cheiro silvestre e agradável assim que se aproxima de nossos portos viajando por mar no mês de junho.

Subindo as colinas em direção aos campos, minha ilha tem ruazinhas solitárias encerradas entre muros antigos, para além dos quais se estendem pomares e vinhedos que parecem jardins imperiais. Tem diversas praias de areia clara e delicada, e outras orlas menores, cobertas de seixos e conchas, escondidas por entre grandes rochedos. Entre aquelas rochas que mais parecem torres, sobranceiras à água, as gaivotas e as rolinhas silvestres fazem seus ninhos e, especialmente de manhã cedo, escutam-se as vozes ora queixosas, ora alegres. Ali, nos dias tranquilos, o mar é brando e fresco e se deposita na margem como orvalho. Ah, eu não pediria para ser uma gaivota nem um golfinho; eu me contentaria com ser uma escorpena, que é o peixe mais feio do mar, desde que pudesse ficar por ali, brincando na água.

Ao redor do porto todas as ruelas são becos sem sol, entre as casas rústicas e antigas de séculos, que parecem severas e tristes, embora pintadas com belas cores de concha, tons de

rosa ou acinzentados. Nos peitoris das janelinhas, tão estreitas que mais parecem frestas, vê-se por vezes um cravo cultivado numa lata; ou então uma gaiolinha que mais parece apropriada para um grilo encerra uma rolinha em cativeiro. As vendas são fundas e escuras feito tocas de bandidos. Na cafeteria do porto, há um fogareiro a carvão no qual a dona ferve café turco numa cafeteira esmaltada de azul-turquesa. A dona é viúva há muitos anos e sempre usa o vestido preto de luto, o xale preto, os brincos pretos. A fotografia do falecido está na parede ao lado da caixa, rodeada por guirlandas de folhas empoeiradas.

O taberneiro, em seu estabelecimento, que fica diante do monumento do Cristo Pescador, cria um mocho preso por uma correntinha a uma tábua saliente no alto da parede. A coruja tem plumas pretas e cinzentas, delicadas, um topete elegante na cabeça, pálpebras azuis e grandes olhos de uma cor ouro *rosé*, cercados de preto; tem uma asa que está sempre sangrando, porque ele mesmo continua a torturá-la com o bico. Se você esticar a mão para lhe fazer cosquinhas no peito, ele curvará a cabecinha em sua direção, maravilhado.

Quando chega a noite, ele começa a debater-se, tenta levantar voo e torna a cair, por vezes dando por si a chilrear de cabeça para baixo, pendurado na sua correntinha.

Na igreja do porto, a mais antiga da ilha, há santas de cera, com menos de 3 palmos de altura, fechadas em redomas de vidro. Suas saias são de renda verdadeira, amareladas, mantilhas desbotadas de brocado, cabelos de verdade, e de seus pulsos pendem minúsculos rosários de pérolas verdadeiras. Nos dedinhos, de palidez mortal, as unhas são esboçadas com um sinal filiforme, vermelho.

Em nosso porto quase nunca atracam aquelas embarcações elegantes, esportivas ou de turismo que sempre povoam em bom número os outros portos do arquipélago; você pode ver ali algumas chatas ou barças mercantis, além dos barcos de pesca dos ilhéus. O largo do porto, em muitas horas do dia, está quase deserto; à esquerda, ao lado da estátua do Cristo Pescador, uma única charrete de aluguel espera a chegada do vapor de linha, que fica parado aqui poucos minutos e desembarca três ou quatro passageiros ao todo, na maioria gente da ilha.

Nunca, nem sequer na boa estação, nossas praias solitárias conhecem o barulho dos banhistas que, vindo de Nápoles, de todas as cidades e de todos os cantos do mundo, vão apinhar as outras praias das redondezas. E, se porventura um estrangeiro descer em Procida, ficará admirado por não encontrar aquela vida promíscua e alegre, festas e conversas pelas ruas, e cantos, e sons de violões e bandolins, pelos quais a região de Nápoles é conhecida por todo o planeta. Os habitantes de Procida são arredios, taciturnos. As portas ficam todas fechadas, poucos aparecem às janelas, cada família vive entre suas quatro paredes, sem se misturar às outras. Por estas bandas não se gosta de amizade. E a chegada de um forasteiro não desperta curiosidade: antes desconfiança. Se ele fizer perguntas, responderão de má vontade; porque as pessoas, em minha ilha, não gostam de ser espiadas em sua privacidade.

São de raça miúda, morenos, com olhos pretos puxados, como os orientais. E você diria que são todos aparentados, de tanto que se assemelham. As mulheres, segundo o hábito antigo, vivem em clausura, como freiras. Muitas ainda usam cabelos compridos, enrodilhados, xale na cabeça, vestido longo e, no inverno, tamancos sobre meias grossas de algodão preto; ao passo que no verão algumas andam descalças. Quando passam descalças, rápidas, sem ruído, esquivando-se de encontros, parecem gatas selvagens ou fuinhas.

Nunca descem até as praias; para as mulheres é pecado banhar-se no mar, até mesmo ver outros se banhando é pecado.

Muitas vezes, nos livros, as casas das antigas cidades feudais, agrupadas e disseminadas pelo vale e nos flancos da colina, todas à vista do castelo que as domina da ponta mais alta, são comparadas a um rebanho ao redor do pastor. Assim, também em Procida as casas, desde as inúmeras e apinhadas lá embaixo no porto até as mais esparsas colinas acima e até os casarões isolados do campo, de longe parecem exatamente um rebanho espalhado aos pés do castelo. Este se ergue na colina mais alta (a qual, entre as outras pequenas colinas, parece uma montanha); e, ampliado por construções sobrepostas e acrescidas ao longo dos séculos, adquiriu as dimensões de uma cidadela gigantesca. Dos navios que passam ao largo, especialmente à

noite, de Procida só se mostra essa construção gigantesca e escura, e por isso nossa ilha parece uma fortaleza no meio do mar.

Há cerca de duzentos anos, o castelo foi transformado em penitenciária: uma das maiores, acredito, de toda a nação. Para muitas pessoas que vivem longe, o nome de minha ilha significa o nome de um cárcere.

No lado do poente voltado para o mar, minha casa pode ser vista do castelo; mas a uma distância de muitas centenas de metros em linha reta, para além dos inúmeros pequenos golfos dos quais, à noite, saem os barcos dos pescadores com as lanternas acesas. A distância não deixa distinguir as grades das janelinhas nem o vaivém dos carcereiros em volta dos muros; de modo que, sobretudo no inverno, quando o ar está nevoento e as nuvens a caminho passam à sua frente, a penitenciária poderia parecer um palacete abandonado, como se encontram em tantas cidades antigas. Uma ruína fantástica, habitada apenas por serpentes, mochos e andorinhas.

NOTÍCIAS DE ROMEO, O AMALFITANO.

Minha casa é a única construção que se ergue no alto de um morro íngreme, no meio de um terreno baldio e coberto de pedrinhas de lava. A fachada dá para o lugarejo e, deste lado, a encosta do morro é reforçada por uma velha muralha de pedaços de rocha; aqui mora a lagartixa azul (que não pode ser encontrada em nenhum outro lugar, em nenhum outro lugar do mundo). À direita, uma escadaria de pedras e terra desce em direção à estrada de rodagem.

Atrás da casa estende-se uma grande esplanada abaixo da qual o terreno se torna alcantilado e inacessível. E, atravessando um longo trecho desmoronado, chega-se a uma prainha em formato de triângulo, de areia preta. Não existe nenhuma trilha que leve àquela praia, mas, descalço, é fácil descer desabaladamente entre as pedras. Ali embaixo estava atracado um único barco: era o meu, e chamava-se *Torpedeiro das Antilhas*.

Minha casa não é muito distante de uma pracinha quase urbana (enriquecida, entre outras coisas, por um monumento

de mármore) nem das muitas habitações do lugarejo. Mas, em minha memória, tornou-se um lugar isolado ao redor do qual a solidão abre um espaço enorme. Ela está lá, maléfica e maravilhosa, como uma aranha de ouro que teceu sua teia iridescente sobre a ilha toda.

É um casarão de dois andares, além dos porões e do sótão (em Procida, as casas com uns vinte cômodos, que em Nápoles pareceriam pequenas, chamam-se casarões), e, como para a maior parte do povoado de Procida, que é um lugarejo muito antigo, sua construção remonta a pelo menos três séculos.

É de uma cor rosa desbotada, tem formato quadrado, é rústica e construída sem elegância; pareceria uma enorme casa rural, não fossem o majestoso portão central e suas grades recurvadas, de estilo barroco, que protegem todas as janelas externas. O único ornamento da fachada são dois balcõezinhos de ferro, suspensos dos dois lados do portão, diante de duas janelas falsas. Esses balcões, assim como as grades, antigamente eram envernizados de branco, mas agora estão todos manchados e corroídos pela ferrugem.

Numa das folhas do portão central está recortada uma portinhola, e é essa a nossa passagem habitual para entrar em casa: as duas folhas nunca são abertas, e as enormes fechaduras que as cavilhavam por dentro viraram umas máquinas imprestáveis devido à ferrugem que as consome. Pela portinhola entra-se num longo saguão pavimentado de ardósia e sem janelas. Nos fundos, segundo o estilo dos casarões de Procida, abre-se um portão de ferro que dá para um jardim interno. Esse portão é guardado por duas estátuas de terracota pintada, mas muito desbotada, que representam duas personagens de capuz, sabe-se lá se frades ou sarracenos. E, para além do portão, o jardim, fechado entre os muros da casa feito um pátio, parece uma apoteose de vegetação selvagem.

Lá, abaixo da bela alfarrobeira siciliana, está sepultada minha cadela Immacolatella.

Do telhado da casa pode-se ver a figura deitada da ilha, que se parece com um golfinho. Suas pequenas enseadas, a Penitenciária e, não muito longe, sobre o mar, o vulto azul purpúreo da ilha de Ischia. Sombras prateadas de ilhas mais distantes.

E, de noite, o firmamento, por onde caminha o Boieiro com sua estrela Arcturo.

Por mais de dois séculos, desde o dia de sua construção, a casa fora um convento de frades: isso é algo comum por aqui e não tem nada de romanesco. Procida sempre foi um lugarejo de pescadores pobres e de camponeses, e seus raros “palacetes” eram todos, inevitavelmente, conventos, igrejas, fortalezas ou prisões.

Mais tarde, aqueles religiosos mudaram-se para algum outro lugar, e a casa deixou de ser propriedade da Igreja. Por algum tempo, durante e após as guerras do século passado, ela hospedou algumas companhias militares; depois ficou abandonada e desabitada por um bom período. Enfim, há cerca de meio século, foi adquirida por um particular, um rico despachante amalfitano que passava por Procida, que a utilizou como residência, e morou aqui, ocioso, durante trinta anos.

Ele transformou parcialmente o interior, especialmente no andar de cima, onde derrubou as paredes divisórias de inúmeras celas do convento primitivo e forrou as paredes com papel de parede francês. Ainda na minha época, por mais que estivesse em mau estado e em contínuo esfacelamento, a casa conservava a disposição e a decoração deixada por ele. A mobília, arrebanhada com criatividade pitoresca, mas ignorante, em pequenos antiquários e lixões de Nápoles, dava aos cômodos certo aspecto romântico-aldeão. Ao entrar, tinha-se a ilusão de um passado de bisavós e avós e de antigos segredos femininos.

Mas, ao contrário, desde o tempo em que foram erguidas até o ano em que nossa família entrou ali, aquelas paredes nunca haviam visto nenhuma mulher.

Quando, há pouco mais de vinte anos, meu avô paterno, Antonio Gerace, emigrante da ilha, voltou da América com um modesto patrimônio, o Amalfitano, já velho, ainda morava no antigo palacete. Na velhice ficara cego, e diziam ser castigo de Santa Luzia por ele odiar as mulheres. Sempre as odiara, desde a juventude, a ponto de não querer receber sequer suas irmãs de sangue e deixar do lado de fora da porta as freiras da Consolação, quando vinham pedir o óbolo. Por isso não tinha se casado; e nunca aparecia na igreja nem nas vendas, onde as mulheres são encontradas mais facilmente.

Não era inimigo da sociedade; antes, de caráter muito generoso, muitas vezes oferecia banquetes e até festas de máscaras ou fantasia, e nessas ocasiões se mostrava generoso até a loucura, de modo que tinha virado uma lenda para a ilha. Porém, durante seus entretenimentos, nenhuma mulher era admitida; e as moças de Procida, invejosas de seus namorados e irmãos que participavam daquelas misteriosas noitadas, com despeito apelidaram a morada do Amalfitano de *Casa dei Guaglioni* (*guaglione*, em dialeto napolitano, significa moleque, rapaz).

Meu avô Antonio, desembarcando em sua pátria após algumas décadas de ausência, nem de longe imaginava que o destino reservava a Casa dei Guaglioni para sua família. Mal se lembrava do Amalfitano, com o qual nunca tivera nenhuma relação de amizade; e aquele velho convento-quartel entre espinheiros e figueiras-da-índia não se parecia em nada com a morada que sonhara para si no exílio. Comprou uma casinha de campo, com uma pequena propriedade, na parte sul da ilha; e foi morar lá sozinho com seus colonos, sendo solteiro e não tendo parentes próximos.

Na verdade, na terra existia *um* parente próximo de Antonio Gerace que ele nunca vira. Era um filho nascido nos primeiros tempos de sua vida de imigrante, de uma relação que tivera com uma professorinha alemã que ele logo abandonou. Por vários anos depois do abandono (terminado um breve período de trabalho na Alemanha, o emigrante mudara-se para a América), a mãe solteira continuara a escrever-lhe, suplicando-lhe ajuda material, porque estava sem emprego, e procurando emocioná-lo com descrições maravilhosas da criança. Mas o emigrante, naquela época, era ele próprio tão miserável que até tinha parado de responder às cartas, até que a jovem, desanimada, deixara de escrever. E quando, já de volta a Procida, velho e sem herdeiros, Antonio fez buscas para achá-la, ficou sabendo que ela tinha morrido, deixando o filho, já com 16 anos, na Alemanha.

Antonio Gerace então chamou a Procida esse filho para lhe dar finalmente o próprio nome e a própria herança. E assim aquele que mais tarde havia de ser meu pai desembarcou na ilha de Procida vestido de trapos como um cigano (soube mais tarde).

Devia ter tido uma vida dura. Em seu coração infantil havia de ter se alimentado de rancor não apenas contra o seu pai

desconhecido, mas também contra todos os outros procidanos inocentes. Talvez até estes, com alguma ação ou jeito, tenham ofendido desde o início, e para sempre, seu orgulho irritado. O certo é que na ilha seu comportamento indiferente e ultrajante rendeu-lhe o ódio de todos. Com seu pai, que procurava cativá-lo, o rapaz se mostrava arredo e até cruel.

A única pessoa que ele frequentou na ilha foi o Amalfitano. Havia tempo esse homem já não oferecia entretenimentos nem festas, e vivia isolado em sua cegueira, carrancudo e soberbo, recusando receber quem o procurasse e afastando com a bengala quem se aproximava pela rua. Sua pessoa alta e triste tornara-se odiosa para todos.

Sua casa reabriu-se para uma única pessoa: o filho de Antonio Gerace, que se ligou a ele com tamanha amizade que passava todos os dias em sua companhia, como se ele, e não Antonio Gerace, fosse seu verdadeiro pai. De sua parte, o Amalfitano dedicou-lhe um afeto exclusivo e tirânico: parecia que não podia viver um só dia sem ele. Se o rapaz se atrasasse para a visita diária, o Amalfitano ia ao seu encontro, pondo-se na ponta da rua a esperá-lo. E, não podendo ver se finalmente ele surgia do fundo da rua, em sua ansiedade de cego gritava de vez em quando o nome dele com uma voz rouca que já soava como a de um sepultado. Se algum passante respondesse que o filho de Gerace não estava lá, ele jogava no chão algumas moedas e notas, ao acaso e com desprezo, para que, assim pagos, os que estavam por ali fossem chamá-lo. E, se depois voltassem dizendo-lhe que não o tinham encontrado em casa, mandava procurá-lo pela ilha toda, soltando até mesmo seus cachorros para a busca. Em sua vida, agora já não havia mais nada: ou ficar na companhia de seu único amigo, ou esperá-lo. Dois anos depois, ao morrer, deixou-lhe como herança a própria casa de Procida.

Não muito tempo depois, Antonio Gerace também morreu: e o filho, que havia alguns meses tinha se casado com uma orfãzinha nativa de Massa, mudou-se para a casa do Amalfitano com a noivinha, já grávida. Ele tinha então cerca de 19 anos, e a noiva, menos de 18. Era a primeira vez, em quase três séculos desde que o velho palácio fora construído, que uma mulher morava entre aquelas paredes.

Na casa e na propriedade do meu avô ficaram os colonos, que ainda hoje mantêm a terra, em arrendamento.

A CASA DEI GUAGLIONI.

A morte precoce de minha mãe aos 18 anos, em seu primeiro parto, foi decerto uma confirmação, se não a origem, de uma voz popular segundo a qual o ódio do proprietário defunto tornava eternamente fatal para as mulheres a estada ou mesmo a simples entrada na Casa dei Guaglioni.

Meu pai mal esboçava meio sorriso de zombaria por essa lenda do lugarejo, de maneira que eu também, desde o início, aprendi a considerá-la com o devido desprezo, pela lorota supersticiosa que era. No entanto, ela tinha adquirido tamanha autoridade na ilha que nenhuma mulher jamais aceitou ser nossa empregada. Durante minha infância, fomos servidos por um rapaz nativo de Nápoles, chamado Silvestro, o qual, na época em que entrou em nossa casa (pouco antes de meu nascimento), tinha uns 14 ou 15 anos de idade. Ele voltou para Nápoles na época de seu serviço militar e foi substituído por um de nossos colonos, que vinha apenas umas duas horas por dia para cozinhar. Ninguém ligava para a desordem e a sujeira de nossos quartos, que a nós pareciam naturais assim como a vegetação inculta do jardim entre os muros da casa.

Desse jardim (hoje cemitério de minha cadela Immacolatella) é impossível dar uma descrição que se lhe assemelhe. Ali, ao redor da alfarrobeira adulta, apodreciam, entre outras coisas, até carcaças de mobília recobertas de musgo, louças quebradas, garrafões, remos, rodas etc. E no meio das pedras e do lixo cresciam plantas de folhas inchadas, espinhosas, às vezes belíssimas e misteriosas como plantas exóticas. Depois das chuvas, também ressuscitavam às centenas flores de raça mais nobre, de semente e de bulbo, sepultadas ali vai saber há quanto tempo. E tudo queimava, como incendiado, na estiagem do verão.

Apesar de nossa abastança, vivíamos como selvagens. Uns dois meses depois que nasci, meu pai partira da ilha para uma

ausência de quase seis meses: deixando-me nos braços de nosso primeiro ajudante, que era muito sério para a idade que tinha e que me criou com leite de cabra. Foi o mesmo ajudante que me ensinou a falar, a ler e a escrever; e eu, depois, ao ler os livros que encontrava na casa, eduquei-me. Meu pai nunca se preocupou em fazer com que eu frequentasse a escola: eu sempre estava de férias, e meus dias de vagabundo, sobretudo durante as longas ausências de meu pai, ignoravam qualquer norma ou horário. Somente a fome e o sono marcavam para mim a hora de voltar para casa.

Ninguém pensava em me dar dinheiro, e eu não pedia; mas, por outro lado, não sentia necessidade dele. Não me lembro de jamais ter tido um tostão em toda a minha infância e meninice.

A propriedade herdada do avô Gerace fornecia os produtos necessários ao nosso cozinheiro: o qual não se distinguia muito dos primitivos e dos bárbaros na arte da cozinha. Chamava-se Costante; era taciturno e rude, ao passo que seu antecessor, Silvestro (aquele que, de certa maneira, eu poderia chamar de babá), tenha sido gentil.

As noites de inverno e os dias de chuva eu os ocupava lendo. Depois da praia e das vadiagens pela ilha, a leitura era do que eu gostava acima de qualquer outra coisa. Em geral eu lia no meu quarto, deitado na cama, ou no sofá, com Immacolatella aos meus pés.

Nossos quartos davam para um corredor estreito, ao longo do qual, outrora, abriam-se as celas dos frades (ao todo talvez umas vinte). O antigo proprietário, para dispor de quartos mais espaçosos, tinha derrubado grande parte das paredes entre um e o outro cômodo; mas (talvez encantado por seus frisos e entalhes) tinha deixado como estavam algumas das velhas portas das celas, enfileiradas no corredor. De maneira que, por exemplo, o quarto do meu pai tinha três portas, todas enfileiradas no corredor, e cinco janelas, todas igualmente alinhadas. Entre meu quarto e o de meu pai, fora conservada uma cela em suas dimensões originais, onde, na época de minha infância, dormia Silvestro, o ajudante. Ainda está lá o seu sofá-cama (ou, para dizer melhor, uma espécie de cama dobrável) e a caixa de macarrão vazia onde ele guardava suas roupas.

Quanto a mim e a meu pai, nossas roupas não as guardávamos em nenhum lugar. Nossos quartos dispunham de cômodas e armários, os quais, se abertos, ameaçavam ruir em cima da gente e exalavam cheiros de sabe-se lá que defuntas burguesias bourbônicas. Mas para nós aqueles móveis não serviam; a não ser, por vezes, para jogar dentro deles objetos sem uso que atulhavam o quarto, por exemplo, sapatos velhos, arpões quebrados, camisas reduzidas a trapos etc. Ou então para guardar alguma presa: conchas fósseis da época em que a ilha ainda era um vulcão submarino; cartuchos de arma de fogo; fundos de garrafas variegados pela areia; peças enferrujadas de motores. E plantas submarinas e estrelas-do-mar, que depois secavam ou apodreciam no ambiente fechado das gavetas. Talvez por isso o cheiro que se respirava em nossos quartos eu nunca mais identifiquei em nenhum outro lugar, em nenhum quarto humano, nem sequer nas tocas de animais terrestres; ou melhor, talvez tenha encontrado um cheiro parecido no fundo de alguma embarcação ou em alguma gruta.

Aquelas cômodas e armários enormes, ao ocupar boa parte das paredes livres de nossos quartos, deixavam mal e mal o espaço para as camas, que eram as costumeiras camas de ferro com incrustações de madreperla ou paisagens pintadas que se encontram em todos os quartos de Procida e de Nápoles. Nossos cobertores para o inverno, nos quais eu dormia enrolado como dentro de um saco, estavam todos esburacados pelas traças; e os colchões, nunca sendo afofados nem cardados, tinham ficado achatados com o uso, como se fossem massa fina de macarrão.

Lembro que de vez em quando, utilizando como vassoura um travesseiro ou uma velha jaqueta de couro que já pertencera a Silvestro, meu pai, ajudado por mim, varria ao redor de sua cama as bitucas de cigarro apagadas, que amontoávamos num canto do quarto para depois jogar pela janela. Era impossível dizer, em nossa casa, de que matéria ou de que cor era o piso, que estava escondido sob uma camada de poeira endurecida. Da mesma maneira, os vidros das janelas estavam todos empretecidos e opacos; suspensas no alto dos cantos e entre as grades, viam-se resplandecer à luz as iridescências dos fios das teias de aranha.

Acho que as aranhas, as lagartixas, os pássaros e em geral todos os seres não humanos haviam de considerar nossa casa uma torre desabitada da época de Barba Roxa, ou até mesmo um rochedo do mar. Ao longo dos muros externos, de frestas e caminhos secretos, despontavam lagartixas como que saídas da terra; andorinhas aos milhares e vespas ali faziam ninhos. Pássaros de raças forasteiras, de passagem na ilha em suas migrações, paravam para descansar em nossos parapeitos. E até as gaivotas, após os seus mergulhos, vinham secar suas plumas no telhado, como no mastro de um navio ou no alto de um rochedo.

Ao menos uns dois mochos moravam com certeza dentro de nossa casa, embora me fosse impossível descobrir em que ponto; mas é fato que, assim que começava a anoitecer, a gente os via sair voando dos muros com a família toda. Outras corujas e mochos partiam de longe para vir caçar em nosso terreno, como numa floresta. Certa noite, à minha janela pousou um mocho imenso, um mocho-real. Pelo tamanho, por um instante achei que fosse uma águia; mas suas plumas eram muito mais claras e, afinal, o reconheci pelas pequenas orelhas em pé.

Em alguns quartos desabitados da casa, as janelas, por esquecimento, ficavam abertas em todas as estações. E acontecia-me, ao entrar de repente, depois de meses sem ir àqueles quartos, topar com um morcego; ou então ouvir os gritos de misteriosas ninhadas escondidas nalguma arca ou entre as traves do teto.

Ali apareciam até mesmo alguns seres curiosos, raças nunca vistas na ilha. Certa manhã, eu estava sentado no terreno atrás da casa, batendo nas amêndoas com uma pedra, quando vi surgir, subindo das rochas desabadas, um bicho muito bonitinho, uma espécie entre gato e esquilo. Tinha rabo grande, focinho triangular com bigodes brancos e me observava com atenção. Eu lhe atirei uma amêndoa descascada, esperando cativá-lo. Mas o meu gesto o assustou, e ele fugiu.

Outra vez, durante a noite, ao me debruçar à borda das rochas, vi avançando da praia em direção à nossa casa um quadrúpede branquíssimo, do tamanho mais ou menos de um atum médio, com a cabeça armada com chifres curvos que pareciam gomos de lua. Assim que percebeu minha presença, voltou para trás e desapareceu entre os rochedos. Desconfiei

que se tratasse de um boi-marinho, rara espécie de ruminantes anfíbios, que alguns declaram nunca ter existido, e outros, que desapareceu. Muitos marinheiros, no entanto, garantem que viram mais de uma vez um desses bois, que mora nas vizinhanças da Gruta Azul de Capri. Vive no mar como os peixes, mas é louco por hortaliças e durante a noite emerge da água para ir roubar nas propriedades.

Quanto a visitas de humanos, procidianos ou forasteiros, fazia anos que a Casa dei Guaglioni nunca recebia nenhuma.

No primeiro andar havia o antigo refeitório dos frades, que o Amalfitano transformara em salão de festas. Era uma sala enorme, o teto tinha quase o dobro da altura daquele das outras salas, as janelas estavam muito acima do chão, voltadas para o litoral. As paredes, à diferença daquelas dos outros quartos da casa, não eram revestidas com papel de parede francês, mas decoradas em toda a volta por um afresco que imitava um pórtico com colunas, sarmentos de videira e cachos de uva. Contra a parede do fundo havia uma mesa comprida com mais de 6 metros, e por toda parte, à volta, estavam espalhados poltronas e sofás meio arrebitados, cadeiras de todos os tipos e almofadas desbotadas. Um canto estava ocupado por uma grande lareira que nunca acendíamos. E do teto pendia um imenso lustre de vidros coloridos todo coberto de poeira: sobravam ali poucas lâmpadas, empregadas, de forma que a luz dele valia tanto quanto a de um candeeiro.

Era ali que, entre sons e cantos, se encontravam as companhias dos rapazes, à época do Amalfitano. Algum rastro de suas festas ainda permanecia no salão, que lembrava um pouco os salões de certas *villas* ocupadas pelos conquistadores durante a guerra ou, em certos aspectos, os salões das prisões: em geral, todos os lugares nos quais jovens e garotos se encontram reunidos sem mulheres. Os tecidos sujos e surrados dos sofás mostravam queimaduras de cigarros. E nas paredes, assim como em cima das mesinhas, viam-se escritas e desenhos: nomes, assinaturas, frases zombeteiras ou também melancólicas ou de amor, e versos tirados das canções. Depois um coração transpassado, um cargueiro, a figura de um jogador de futebol equilibrando uma bola na ponta do pé. E alguns desenhos de

tipo engraçado: uma caveira fumando cachimbo, uma sereia a proteger-se com guarda-chuva etc.

Outros inúmeros desenhos e escritas tinham sido raspados não sei por quem: na parede e na madeira das mesinhas, eram visíveis as cicatrizes dos arranhões.

Também em outros quartos podiam-se encontrar alguns vestígios semelhantes dos hóspedes do passado. Por exemplo, num quatinho que não era usado, acima de uma pia de alabastro para água benta (que ficara dos tempos do convento) lia-se ainda no papel de parede francês, embora desbotada, uma assinatura feita a caneta com muitos floreios: *Taniello*. Mas, afóra essas assinaturas desconhecidas e esses desenhos sem valor, não se encontrava nada mais, na casa, que testemunhasse o tempo das festas ou dos banquetes. Soube que, depois da morte do despachante, muitos procidianos que tinham participado daquelas festas na juventude apareceram na Casa dei Guaglioni para reivindicar objetos e lembranças. Afirmaram – e um garantia pelo outro – que o Amalfitano lhes havia prometido aqueles objetos no dia em que morresse. Houve, portanto, uma espécie de saque; e talvez tenha sido então que levaram embora as fantasias e as máscaras, das quais ainda se fala muito na ilha; e os violões, os bandolins e os copos com saudações escritas em ouro no cristal. Talvez algumas das peças desse butim ainda estejam guardadas em Procida, nos casebres de camponeses ou pescadores. E as mulheres da família, agora velhas, observam suspirando tais relíquias, tornando a sentir seu antigo ciúme de moças por causa das festas misteriosas das quais estavam excluídas. Elas têm quase medo de tocar esses objetos mortos, que podem carregar o influxo hostil da Casa dei Guaglioni!

Outro fim que permanece misterioso é o que coube aos cães do Amalfitano. Sabe-se que ele tinha muitos cachorros e que os amava; mas, quando de sua morte, eles desapareceram da casa sem deixar rastros. Alguns afirmam que, depois que seu dono foi levado ao cemitério, eles ficaram tristes, recusando comida, e se deixaram morrer. Outros contam que começaram a vagar pela ilha feito bichos selvagens, rosnando para os que chegassem perto, até que se tornaram todos raivosos; e os guardas os apanharam um por um e os mataram, jogando-os de um rochedo.

Assim, todos os fatos acontecidos na Casa dei Guaglioni antes de meu nascimento chegaram-me incertos, como aventuras de séculos atrás. Mesmo da breve passagem de minha mãe (tirando o famoso pequeno retrato que Silvestro guardou para mim), eu não pude encontrar nenhum sinal na casa. Soube pelo Silvestro que certo dia, quando eu tinha cerca de 2 meses de idade, e meu pai havia iniciado uma viagem havia pouco tempo, chegaram alguns parentes de Massa, com aspecto de camponeses, e levaram embora, como se fosse sua legítima herança, tudo o que pertencera à minha mãe: o enxoval, que fora seu dote, os vestidinhos e até mesmo os tamanquinhos e o rosário de madrepérola. Eles certamente se aproveitaram do fato de que não havia nenhum adulto em casa para se opor: e Silvestro a certa altura ficou com receio que quisessem me levar embora também. Então, com um pretexto, correu para sua cela, onde tinha me posto para dormir, e me escondeu rapidamente na caixa onde ficavam suas roupas (que tinha uma tampa arrebentada, pela qual o ar passava). Ao meu lado colocou a mamadeira cheia de leite de cabra, para que, se eu acordasse, ficasse quieto e não desse sinal de minha presença. Mas não acordei e fiquei mudo durante toda a visita dos parentes, que, aliás, não se preocuparam muito em ter notícias minhas. Somente na hora de ir embora com a trouxinha das coisas, um deles, mais por educação que por outro motivo, perguntou se eu estava crescendo bem e onde estava: Silvestro respondeu que estava com a babá. Eles ficaram contentes ao saber disso e voltaram para sempre a Massa, de onde nunca mais deram notícias.

E assim passava minha infância solitária, no palacete proibido às mulheres.

No quarto do meu pai há uma grande fotografia do Amalfitano. Está ali retratado como um velho esbelto, perdido dentro de um paletó enorme, com calças fora de moda, bastante apertadas, que deixam entrever as meias brancas. Os cabelos brancos lhe descem atrás das orelhas feito crina de cavalo, e a testa alta e lisa, na qual a luz bate, parece de uma brancura irreal. Seus olhos apagados, abertos, têm a expressão clara e encantada de certos animais.

Diante do fotógrafo, o Amalfitano fez uma pose estudada, atrevida. Parece que vai dar um passo e esboça um sorriso galante, como para cumprimentar. Com a mão direita levanta, como se fosse girá-la, uma bengalinha preta com ponteira; e com a esquerda segura na guia dois cachorros enormes. Abaixo do retrato, com sua escrita incerta de velho meio analfabeto e cego, ele tracejou a dedicatória para meu pai:

Para Wilhelm
Romeo.

Esse retrato do Amalfitano lembrava-me a figura do Boieiro, a constelação de Arcturo, do modo como estava desenhada num grande mapa do hemisfério boreal, num atlas astronômico que tínhamos em casa.

A BELEZA.

O que eu sei sobre as origens de meu pai fiquei sabendo quando já era adulto. Desde criança, por vezes ouvira as pessoas da ilha chamá-lo de *bastardo*; mas essa palavra soava para mim como um título de autoridade e de prestígio misterioso: como *margrave* ou outro título similar. Durante muitos anos, ninguém nunca me revelou absolutamente nada sobre o passado de meu pai e de meu avô: os procidanos não são de falar muito, e por outro lado eu, seguindo o exemplo de meu pai, não dava confiança a ninguém na ilha, não frequentava ninguém. Costante, nosso cozinheiro, era uma presença mais animalesca que humana. Nos muitos anos em que nos serviu, não me lembro de ter alguma vez trocado com ele duas palavras que fossem; de resto, eu o via muito raramente. Terminado o trabalho na cozinha, ele voltava para a propriedade; e eu, voltando para casa na hora que bem entendia, encontrava sua comida bárbara à minha espera, já fria, na cozinha vazia.

Meu pai vivia, na maior parte do tempo, longe. Vinha a Procida por alguns dias e depois tornava a partir, algumas vezes se ausentando por estações inteiras. Se fizéssemos a soma de suas

raras e breves estadas na ilha, no fim do ano se descobriria que, em doze meses, ele talvez tivesse passado uns dois em Procida, comigo. Assim eu transcorria quase todos os meus dias em absoluta solidão; e essa solidão, que para mim começara na primeira infância (com a partida de meu babá Silvestro), parecia-me minha condição natural. Considerava cada estada de meu pai na ilha como uma graça extraordinária de sua parte, uma concessão especial, que me enchia de soberba.

Acho que eu tinha aprendido a andar havia pouco tempo, quando ele me comprou um barco. E, quando eu tinha aproximadamente 6 anos de idade, certo dia me levou até a propriedade, onde a cadela pastora do colono amamentava seus filhotes de um mês, para que eu escolhesse um. Escolhi o que me parecia mais endiabrado, com os olhos mais simpáticos. Revelou-se que era uma fêmea; e, como era branca como a Lua, foi chamada Immacolatella.

Quanto a me fornecer sapatos ou roupas, meu pai se lembrava disso muito raramente. Durante o verão, eu só vestia calças, com as quais também mergulhava, deixando depois que o ar as secasse no corpo. Só raramente acrescentava às calças uma camiseta de algodão, curta demais, toda rasgada e deformada. Meu pai tinha, a mais que eu, um calção de banho cáqui; mas, afora isso, no verão tampouco usava outra roupa a não ser velhas calças desbotadas e uma camisa que já não tinha sequer um botão, toda aberta no peito. Algumas vezes amarrava em volta do pescoço um grande lenço estampado com flores, daqueles que as camponesas compram no mercado para a missa de domingo. E aquele trapo, nele, parecia o sinal de uma primazia, um colar de flores que atesta a glória do vencedor!

Nem ele nem eu tínhamos sobretudo. No inverno, eu usava duas malhas, uma em cima da outra; e ele, uma malha e, sobre ela, um paletó de lã xadrez, velho e deformado, com excesso de enchimento nas ombreiras, que aumentavam o prestígio de sua grande altura. O uso da roupa de baixo era para nós quase totalmente desconhecido.

Ele possuía um relógio de pulso (com caixa de aço e pulseira também de pesada malha de aço), que marcava até os segundos e podia ser usado mesmo sob a água. Além disso, possuía uma

máscara, para olhar embaixo da água enquanto nadava, uma espingarda e um binóculo marítimo com o qual se podiam distinguir os navios no alto-mar com as figurinhas dos marinheiros no convés.

Minha infância é como um país feliz do qual ele é o soberano! Ele estava sempre de passagem, sempre de partida; mas, nos breves intervalos que passava em Procida, eu o seguia feito um cachorrinho. Devíamos ser uma dupla engraçada para quem nos encontrava! Ele avançando resoluto, como uma vela ao vento, com sua loira cabeça forasteira, os lábios volumosos e os olhos duros, sem olhar ninguém no rosto. E eu correndo atrás dele, rodando com orgulho meus olhos pretos para a direita e para a esquerda, como a dizer: “Procidanos, meu pai está passando!”. Minha altura, na época, não superava muito 1 metro, e meus cabelos pretos, encaracolados como os de um cigano, nunca haviam conhecido o barbeiro (quando ficavam compridos demais, eu, para que não me tomassem por uma menina, encurtava-os energicamente com a tesoura; somente em raras ocasiões lembrava-me de penteá-los; e durante o verão sempre estavam incrustados de sal marinho).

Quase sempre nossa dupla era precedida por Immacolatella, que corria à frente, voltava, cheirava todos os muros, metia o focinho em todas as portas, cumprimentava todo mundo. Suas familiaridades para com os conterrâneos muitas vezes me deixavam sem paciência, e com assobios imperiosos eu a chamava de volta à categoria dos Gerace. Desse jeito eu tinha uma oportunidade de treinar os assobios. Desde que havia trocado os dentes, tinha ficado mestre nessa arte. Colocando na boca o indicador e o dedo médio, sabia tirar sons marciais.

Também sabia cantar discretamente; com meu babá eu aprendera diferentes canções. Algumas vezes, andando atrás do meu pai ou no barco com ele, cantava e cantava *Le donne dell’Havana*, *Tabarin*, *La sierra misteriosa* ou então canções napolitanas, como aquela que diz: *Tu si’ ‘a canaria! Tu si’ l’ammore!*, esperando que meu pai em seu coração admirasse a minha voz. Ele nem sequer dava sinal de estar ouvindo. Sempre estava taciturno, apressado, sombrio, e mal me concedia al-

guns olhares. Mas para mim já era um grande privilégio minha companhia ser a única que ele tolerava na ilha.

No barco, ele remava, e eu vigiava a rota sentado na popa ou a cavalo na proa. Algumas vezes, inebriado por aquela felicidade divina, me soltava e com uma presunção enorme começava a dar ordens: “Força, remo direito! Força, com o remo esquerdo! Vamos lá!”. Mas, se ele levantava os olhos para me olhar, seu esplendor silencioso me chamava de volta à consciência de minha pequenez. E me parecia ser uma anchova na presença de um grande golfinho.

A primeira razão de sua supremacia sobre todos os demais estava em sua diferença, que era seu mistério mais bonito. Ele era diferente de todos os homens de Procida, ou seja, de todas as pessoas que eu conhecia no mundo, e também (oh, amargura) de mim. Em primeiro lugar, distinguia-se dos ilhéus pela estatura (mas essa altura só se revelava por comparação, ao vê-lo perto dos outros. Quando estava sozinho, isolado, parecia até pequeno, tão graciosas eram suas proporções).

Além da altura, distinguiam-no dos outros suas cores. No verão, seu corpo adquiria um suave brilho moreno, embebido de sol, como de algum óleo; mas no inverno ele voltava a ser claro como as pérolas. E eu, que era sempre escuro em qualquer estação, via nisso quase o sinal de uma estirpe não terrestre: como se ele fosse irmão do Sol e da Lua.

Seus cabelos, macios e lisos, eram de uma cor loura opaca que se acendia diante de certas luzes com reflexos preciosos; e na nuca, onde eram mais curtos, quase raspados, eram realmente de ouro. Por fim, seus olhos eram de um azul-violeta que parecia a cor de certas superfícies marinhas ensombrecidas pelas nuvens.

Aquele seu cabelo bonito, sempre empoeirado e desarrumado, descia-lhe em cachos sobre a testa enrugada como para esconder na sombra os pensamentos dele. E o rosto, que através dos anos conservava os traços ressentidos da adolescência, tinha uma expressão fechada e arrogante.

Por vezes, um clarão dos segredos ciosamente guardados, aos quais seus pensamentos pareciam sempre atentos, passava

em seu rosto: por exemplo, sorrisos rápidos, selvagens e quase lisonjeados; ou algumas leves caretas enganosas, injuriosas; ou um mau humor inesperado, sem motivo aparente. Para mim, que não podia atribuir a meu pai nenhum capricho humano, seu amuo era majestoso como o escurecer do dia, indício certo de eventos misteriosos, importantes como a História Universal.

Suas razões pertenciam somente a ele. Para seus silêncios, suas alegrias, seus desprezos ou seus martírios, eu não procurava uma explicação; para mim eram como sacramentos: grandes e graves, fora de qualquer medida terrena, de qualquer futilidade.

Se um dia, digamos por exemplo, ele tivesse se apresentado diante de mim bêbado, ou delirante, decerto nem por isso eu iria supor que ele também estivesse sujeito às fraquezas comuns dos mortais! Ele, como eu, nunca ficava doente, pelo que me lembro; se eu o tivesse visto doente, porém, sua doença não me pareceria um dos corriqueiros acidentes da natureza. Ela assumiria a meus olhos quase o sentido de um mistério ritual no qual Wilhelm Gerace era o herói, e os oficiantes chamados a assisti-lo recebiam o privilégio de uma consagração! E decerto não teria duvidado, acho, que alguma comoção do cosmos, desde as paisagens terrestres até as estrelas, deveria acompanhar esse mistério paterno.

Existe na ilha, entre as rochas, uma esplanada na qual há eco. Algumas vezes, chegando ali, meu pai se divertia gritando umas frases em alemão. Mesmo desconhecendo o significado, eu compreendia, por aquele seu ar arrogante, que deviam ser palavras terríveis e temerárias: ele as lançava em tom de desafio e quase de profanação, como se estivesse violando uma lei ou quebrando uma magia. Quando o eco as mandava de volta, ele ria e lançava outras mais brutais. Eu, por respeito à sua autoridade, não ousava respaldá-lo e, mesmo fremindo de anseios belicosos, ouvia aqueles enigmas em silêncio. Não me parecia estar assistindo ao costumeiro jogo do eco, tão comum entre os garotos; mas a um duelo épico. Estamos em Roncesvales e de repente, na esplanada, irromperá Rolando com sua corneta. Estamos nas Termópilas e atrás das rochas se escondem os cavaleiros persas com seus chapéus pontudos.